

ção. Não me refiro à massa dos ferroviários, que são amaleados em sua boa fé, mas aos líderes, aos pelegos que já se instalaram no sindicato dos ferroviários. Estes sabem que não têm razão. Eles movimentaram os ferroviários, através da mentira, do engano, da mistificação. E o princípio da autoridade não pode ficar sujeito à mistificação, ao engano, à mentira, sob pena de perder o governo, a Nação.

**O SR. JOSÉ SANCHES POSTIGO** — Se o nobre deputado tivesse prestado atenção às minhas palavras, veria que me referi aos ferroviários. Faço um apelo ao governo para que se não merecerem confiança os parlamentares do lado dos ferroviários, que procuram, dentro da classe, pessoas que mereçam confiança de ambos os lados.

**O Sr. Luciano Nogueira Filho** — Muito bem! Estou de pleno acordo com V. Exa., porque se trata, agora, inclusive, de expurgar o sindicalismo de seus falsos líderes.

**O SR. JOSÉ SANCHES POSTIGO** — Não estou de acordo com expurgos feitos com orientação política, mas verificando se representa realmente a verdade o que eles expuseram. Mantive-me em silêncio até agora, ouvindo as exposições que se faziam desta tribuna, e percebi uma contradição flagrante entre as informações que vinham de um lado e as informações vindas do outro. Assim, Srs. deputados procurava-se deslocar a luta para o campo político. Sentimo-nos, ainda, como deputado, revoltados que, em consequência dessa luta, ficassem sofrendo os inocentes que lá estavam os operários que mourejam e que trabalham dentro da Sorocabana. (Muito bem!)

Por isso, Sr. Presidente e Srs. deputados, faço um apelo, porque senti, hoje, na União dos Ferroviários, a humildade com que esses homens esperam que o governo do Estado reconheça suas necessidades; a humildade com que esses homens, que estiveram de vigília e que lá estão, extenuados e acabados, desejam voltar ao serviço, porque vivem ansiosos, não têm recursos e não têm meios para se manter.

**O Sr. Ubirajara Keutenedjian** — (Com assentimento do orador) — Nobre deputado, V. Exa. tem razão quando diz que não deve haver capitulação. A capitulação sempre é a cessão de um direito, é a perda de um direito. Mas, no caso da greve da Estrada de Ferro Sorocabana...

**O SR. JOSÉ SANCHES POSTIGO** — Eu não disse que não deve, eu disse que não houve ainda. V. Exa. está interpretando mal.

**O Sr. Ubirajara Keutenedjian** — V. Exa. disse que não devia haver...

**O SR. JOSÉ SANCHES POSTIGO** — Eu disse que não houve.

**O Sr. Ubirajara Keutenedjian** — (Com assentimento do orador) — Perfeitamente. A capitulação, nobre deputado, dá-se quando a gente perde um direito. Na greve da Estrada de Ferro Sorocabana houve acordo; acertaram condições. Mas os líderes, os maus líderes não querem o acerto; eles querem a bagunça, a desordem. Entre a capitulação da lei e a capitulação desses líderes, nobre deputado, eu preferiria a capitulação deles, porque a lei foi feita para todos. Eles devem voltar ao trabalho e reivindicar seus direitos. O que não pode é essa minoria prejudicar a população inteira em defesa de um direito que não tem. Os direitos foram atendidos; Se alguma coisa ficou, que voltou ao trabalho para acertar com o Governador aquilo que, certamente, esta Casa, por unanimidade, irá conceder, desde que haja respeito à lei e capitulação diante dela.

**O SR. JOSÉ SANCHES POSTIGO** — Agradeço o aparte, mas V. Exa. deve estar informado de que minhas primeiras palavras foram que os trabalhadores voltarão ao trabalho amanhã, às 7 horas. Já está a porta aberta ao entendimento em terreno elevado, que satisfaça essa massa sofrida, que venha resolver a situação desses trabalhadores.

**O Sr. Paulo Castro Prado** (Com assentimento do orador) — Muito obrigado, nobre deputado. Vinha acompanhando há exatamente 17 dias o desenrolar dos fatos e pela primeira vez me pronuncio. Só hoje levanto a voz. Não poderia deixar de fazê-lo pela razão simples de que, enquanto o Governador reclama que perdeu a autoridade, ele está sem autoridade. Nunca nenhum governo permitiu que um serviço público ficasse 17 dias paralisado. É preciso haver uma forma de resolver o assunto. O Governador é auto-suficiente, sob todos os aspectos, para encontrar essa forma. Precisa parlamentar, encontrar os líderes, porque São Paulo não pode — neste estado de acordo com V. Exa. — assistir, de braços cruzados, que se enferrujem os trilhos da Sorocabana, que se deixe o mercado desfalcado de gêneros de primeira necessidade, que apodrecem por aí agora. Na verdade está existindo falta de autoridade do Governador. Por que não há greves no Estado do Governador reacionário? Quero falar isso bem alto. É constante ouvir-se aqui dizer que o Governador da Guanabara é reacionário. Lá não há greves, porque S. Exa. tem autoridade e paga bem os funcionários. É homem integral. Não entrou, apenas, para fazer uma aparência de governo. Não disse que a sua meta é o homem. É um homem autêntico. Põe a serviço do Governo aquilo que sabe. S. Exa. não brinca com o patrimônio público. O que tem faltado neste Governo, é público e notório, é autoridade. Esperamos, para o bem de São Paulo, que o governador possa não só por um fim a essa greve mas readquirir a autoridade e não vir com essa pregação contra os comunistas, porque a

corrupção, a falta de autoridade é campo onde prolifera o comunismo. Assim, perdome V. Exa. o prolongamento do aparte, que agradeço. Não poderia deixar de, passando 17 dias, trazer o meu depoimento a esta Casa.

**O SR. JOSÉ SANCHES POSTIGO** — Agradeço o seu aparte. Quero dizer a V. Exa. que estão conduzindo essa massa para o lado que procuramos evitar, da exploração política e demagógica, neste momento de greves para nosso Estado e nossa nação, em que ouvimos o pronunciamento das mais altas autoridades, quanto à segurança em que vivemos. Assim procuram atirar lenha nessa fogueira, como se não bastasse esse quadro triste para nós, democratas. Vemos ainda que a própria imprensa procura — ela que seria a primeira a ter o interesse de defender o regime democrático, porque será a primeira amordaçada, se tivermos a modificação do regime — desmoralizar o Parlamento, procura acirrar — como ouvi declaração atribuída a um jornalista — a luta; foi expedido um trem, que lançava um desafio aos ferroviários da Sorocabana, particularmente declarações que se constituem uma provocação para os trabalhadores, que estão sofrendo este momento de agruras. Houve um desafio desse "trem fantasma", que deveria ser movimentado por homens que traíram a sua classe. É uma situação difícil para o Estado de São Paulo. Não sabemos até onde podemos ser conduzidos por esses movimentos.

**O Sr. José Lurtz Sabá** — V. Exa me permite um aparte?

**O SR. JOSÉ SANCHES POSTIGO** — Lamento não poder atendê-lo, pois tenho de viajar e o meu tempo é exíguo.

De forma que, Srs. deputados, é lamentável, repito mais uma vez desta tribuna, que se tenha procurado conduzir esta greve da Sorocabana para o terreno político, impedindo, com a criação de áreas de conflito, que houvesse uma aproximação que é necessário que haja, porque se estou solidário com os ferroviários da Sorocabana é porque, ouvindo-os, senti que reivindicam o que é justo, o que é normal. (Muito bem!)

Assim, meus senhores, ao deixar esta tribuna faço um apelo para que o governo se dispa deste estado de espírito de prevenção, e que os ferroviários, que já deram provas através de uma trégua de 30 dias, procurem discutir dentro do terreno da tranquilidade, a bem do sossego paulista, a bem da segurança do nosso regime, para que esta fogueira que se anuncia na Sorocabana não se alastre e queime nosso regime.

**O SR. PRESIDENTE** — Com a palavra o nobre deputado Farabulini Júnior, por 30 minutos, por cessão do nobre deputado José Sanches Postigo.

**O SR. FARABULINI JÚNIOR** — (Sem revisão do orador) — Sr. Presidente e Srs. deputados, o ilustre deputado José Sanches Postigo me permite continuar na tribuna a propósito do problema dos ferroviários da Sorocabana.

S. Exa., deputado do Movimento Trabalhista Renovador, lutador incansável, na zona da Sorocabana, assim como outros Srs. deputados deste movimento que tem ligações diretas com o homem ferroviário, já ocuparam a tribuna. E eu, Srs. deputados e ilustre Presidente, posso dizer-lhes que a greve dos ferroviários foi solucionada hoje pela manhã, precisamente às 6 horas da manhã de hoje. E este deputado, nessa hora, pronunciou um discurso na sede do Sindicato dos Ferroviários para lhes dizer, aos ferroviários de base que representam todas as associações e federações, que, na verdade, deveriam voltar ao trabalho.

Esse discurso que pronunciei de conclamamento aos ferroviários para que voltassem ao trabalho tem uma razão histórica. E não é átoa que este deputado pronunciará um discurso nesta linha de trabalho. É que o Presidente da República, Sr. João Goulart, tendo sido procurado pela liderança dos ferroviários, pelas associações, federações e uniões, pelos autênticos líderes — e não como querem alguns deputados desta Casa desmerecer-lhes a eficácia — e tendo negado o governador Adhemar Pereira de Barros, tendo negado parlamentar com os líderes, tendo fechado as portas do Palácio dos Campos Elísios, como disse aqui várias vezes, tendo negado aos ferroviários o diálogo democrático, fechou-se o governador na torre de marfim, como querem alguns jornalistas credenciados nesta Casa e como afirmara eu aqui e no sindicato, fechou-se numa redoma de aço, não se permitiu parlamentar.

O líder do governo nesta Casa, o ilustre deputado Hilário Torloni também não conseguiu parlamentar, o Presidente Ciro Albuquerque não conseguiu parlamentar, o Secretário dos Negócios da Educação.

Vejam, Srs. deputados, até onde foram os ferroviários: ao Secretário dos Negócios da Educação! Quando os ferroviários me disseram que procuraram o Secretário da Educação, eu reflexionei e, num instante, pude vislumbrar: agora poderá ser solucionado o problema, pois o Secretário dos Negócios da Educação, este sim, pensei comigo, tem força perante o Governador; o mais, está tudo desmoralizado. Este sim — pensei — tem força para resolver o problema. Mas, depois, vinha a notícia dos ferroviários, às 22,00 horas da noite de ontem, através de uma telefonema. Srs. deputados: o padre Januário Baleeiro de Jesus e Silva também não conseguiu parlamentar com S. Exa.

Isto coincidiu então, com a presença, em São Paulo, do Ministro do Trabalho. Os ferroviários foram buscar o Ministro do Trabalho, Sr. Amarty Silva. S. Exa. veio a São Paulo e concitou os ferroviários a vol-

tarem ao trabalho, tendo em vista os altos interesses do Estado de São Paulo, interesses de que o Sr. Governador Adhemar de Barros não quer cogitar, mas de que deveria ter cogitado. E o Presidente João Goulart, que, na verdade, estabeleceu a mediação, fez com que, através do seu Ministro, que veio a São Paulo, o pessoal da ferrovia concordasse em voltar ao trabalho, amanhã.

**O Sr. Arruda Castanho** — (Com assentimento do orador) — Nobre deputado Farabulini Júnior, quando eu li que o padre Januário Baleeiro de Jesus e Silva ia entrar como mediador, acreditei que pudesse haver uma mediação. Sabe V. Exa. que o padre Baleeiro é a sarça ardente do Governador. Como Moisés falava com Deus com a sarça ardente, parece que o Sr. Adhemar Pereira de Barros pensa que, falando com o padre Baleeiro, esteja falando com Deus. Mas, apesar disso, só nos resta a proteção de Sant'Ana. Quem sabe Sant'Ana poderá auxiliar o Sr. Adhemar Pereira de Barros? Não é possível que o Governador fique insensível à solicitação dos líderes ferroviários. S. Exa. poderia até negar-se a atendê-los. Poderia, com o Senhor Secretário dos Transportes, que era um homem antigamente chamado o homem de idéias até de esquerda, que era um dos homens cultivados, adorados e queridos pelos homens de esquerda. Este homem, hoje, me parece um homem que, no governo, por um processo, como sempre acontece na língua — o da semântica — se modificou e ficou hoje um homem radical de direita. Quando era um homem ligado ao Conselho de Energia, falava uma linguagem de esquerda. Hoje, perdeu as suas energias, sentado na Secretaria do Sr. Adhemar Pereira de Barros, e não quer dialogar com os grevistas, e o Sr. Adhemar Pereira de Barros também não quer. Sugeriam aos grevistas que procurassem um tal de Dr. Rui. Não sei Rui do que. Quem sabe esse Dr. Rui pudesse interceder junto ao Sr. Governador? Quería saber, Sr. deputado, se com essa influência poderiam os Srs. líderes da Sorocabana falar com o intocável Dr. Adhemar Pereira de Barros, esse homem que, às vezes enfrenta situações que nós admiramos, mas que às vezes, quando se trata de pessoas humildes, de humildes trabalhadores, se torna um tirano. Eu que esperava, em nome de Sant'Ana, já que o padre Baleeiro dos negócios, negócios, sim, da Educação, a sarça ardente do Dr. Adhemar Pereira de Barros, falhou, já que falhou a diplomacia intocável do Sr. Baleeiro, já que falhou esse invencível Secretário, que foi atacado por toda esta Assembleia e lá permanece Secretário, que teve como defensor o nobre deputado Amaral Gurgel, defensor intransigente — para o deputado Gurgel ele, o padre Baleeiro, é o dono de todas as virtudes, V. Exa. se lembra — ...

**O SR. FARABULINI JÚNIOR** — Lembro-me bem, nobre deputado. **O Sr. Arruda Castanho** — ... já que esse padre Baleeiro de Jesus — ai Jesus — e Silva, que teve forças para continuar no poder, mercê de suas influências com o Dr. Adhemar Pereira de Barros, pois é a sarça ardente do Governador, falhou, só vejo uma solução: precisamos arranjar uma comissão de líderes ferroviários que procure alhures, ou na Rua São Luís ou na Guanabara, esse Dr. Rui, que não conheço...

**O SR. FARABULINI JÚNIOR** — Também não sabe o nome dele?

**O Sr. Arruda Castanho** — ... cujo sobrenome não conheço, mas não deve ser um sujeito incorpóreo deve existir esse Dr. Rui. Ele talvez possa entrar como mediador entre o Dr. Adhemar Pereira de Barros e os líderes sindicais. Esse Padre Baleeiro, que ninguém conseguiu demolir...

(E' dado um aparte anti-regimental). **O Sr. Arruda Castanho** — ... esse Padre Baleeiro, que apesar das críticas da Assembleia continua inchúme...

(E' dado um aparte anti-regimental). **O Sr. Arruda Castanho** — Num aparte anti-regimental meu colega Castro Prado diz que é o povo todo que critica o Padre Baleeiro. Pois bem, se seu poder falhou com o Dr. Adhemar Pereira de Barros, não sei quem pode mais. O que nos causa espécie, deputado Farabulini Júnior, é que o Dr. Adhemar Pereira de Barros disse, na sua campanha eleitoral, que a sua meta era o homem. Que homem? Será que é esse Padre Baleeiro? Será que é esse Dr. Rui? Será que são só os homens do Governo? Será que são os homens do P.S.P., liderados pelo Sr. Amaral Gurgel, que defendeu com tanta veemência esse Padre Baleeiro, discutível e polémico?

Ou os ferroviários não são homens? Eu sei que os ferroviários são homens. Homens que tem estômago. E não é fome empírica, é fome mesmo, com cáibras no estômago. E vem o Dr. Adhemar Pereira de Barros, como Jean Richepin falando aos mendigos, dar a eles pastéisinhos de ouro, pastéisinhos de ar. A coragem do Governador é demonstrada no espalhear as costas dos operários que estão em greve. A sua coragem é demonstrada na caça às meretrizes com cães amestrados, na boca do crime. A sua coragem é demonstrada através dos seus programas de televisão, fumando aquele eterno cigarro, a dizer ao povo de São Paulo que aqui tudo vai no melhor dos mundos. E' um Dr. Pangloss: tudo bonito! E depois termina dizendo: "Durmam sossegados senhores e minhas senhoras, porque o Governo de São Paulo está arranjando homens e armas para defender o seu Estado". E hoje o Sr. Adhemar de Barros diligenciou para que até o lar, que é inviolável pela Constituição, — só não é inviolável, neste Estado, a mansão da sarça ardente do Dr. Adhemar de Barros, do Padre Januário Baleeiro — ai Jesus! — e Silva. Todas as casas de São Paulo podem hoje ser vasculhadas pelos beleguins do Dr. Adhemar de Barros. Líderes sindicais são obrigados a

reforçar a porta de suas residências, para que não entrem lá os honens do Gen. Aldévio, o infável Gen. Aldévio, que diz que há jornalistas corruptos na boca do crime, mas não diz o nome desses jornalistas.

**O SR. FARABULINI JÚNIOR** — Apesar da recomendação, V. Exa. sabe disso.

**O Sr. Arruda Castanho** — Diz o deputado Gilberto Siqueira Lopes, meu prezado amigo, homem de bens do Partido Social Progressista, como são homens de bens os membros dessa bancada... (Pausa) — Quando falo bens não são entre aspas. Não são bens do Sr. Padre Januário, nem do Sr. Adhemar de Barros, porque esses bens ficam canalizados nos Camp's Elísios. Diz ele, nobre deputado, aqui à socapa, que não se pode falar em corda em casa de enforcado. Não se pode falar e os enforcados são os operários da Sorocabana que o Governador que não cumpre a palavra, este Governador que arma a polícia para caçar meretrizes, este Governador que faz o policiamento ostensivo na boca do crime e, — ah! — se o nobre deputado Gilberto Siqueira Lopes quer agora o termo que ele falou, à sorrelfa, esse Governador que protege o crime, esse Governador que quis uma fortuna da Assembleia para alugar beleguins, esse Governador que já está desmascarado pelo povo e, hoje, os funcionários que votaram no Governador fazem o "mea culpa" e não é só na Boracéia, no Santuário, que fazem o "mea culpa", em todas as repartições, porque sabem que elegeram o homem errado, o homem que lhes nega tudo. (O Sr. Presidente faz soar a campainha) — Continuo, Excelência, novo aparte (Pausa).

O homem que diz que não vai aumentar o imposto de vendas e consignações, mas já tem aqui os solicitos, os rápidos, homens para essa empreitada V. Exa. poderá fazer uso da tribuna daqui a pouco. Não faltará aqueles que irão fazer a emenda encomendada para aumentar o imposto de vendas e consignações e que se dane a Sorocabana e que se danem os líderes sindicais. Vamos arrombar as portas dos líderes sindicais. Hoje, em São Paulo, o lar não é inviolável. Tanto o lar ocasional da meretriz da boca do crime como o lar de qualquer cidadão não é mais inviolável. O Governador tem uma polícia para espalhear os trabalhadores. Ele não quer o diálogo com os ferroviários da Sorocabana. Nobre deputado Farabulini Júnior, eu não concordo com greves políticas e quando há uma greve política e o Governador, que é meu adversário, toma algumas atitudes enérgicas impedindo a greve que não é uma greve de reivindicação salarial, eu não venho a esta tribuna criticar S. Exa. Mas a greve da Sorocabana, nobre deputado Ciro Albuquerque, não é uma greve política. É uma legítima greve de trabalhadores. O Sr. Governador Adhemar de Barros deveria dialogar com os trabalhadores. Não sei porque S. Exa. quer o monólogo. Aliás, nem quer o monólogo, quer o soliloquio. Portanto, nobre deputado Farabulini Júnior, quero deixar aqui consignada minha repulsa à atitude, não do Governador, mas daquele homem da esquerda de ontem, que é reacionário hoje, o Sr. Dagoberto Sales, que, depois que se pilhou num cargo oficial e nas poltronas da Secretaria dos Transportes, dando linhas e tirando linhas a seu bel-prazer, esqueceu-se da sua origem e não ajuda este contacto do Governador com o trabalhador. Pode o Sr. Adhemar de Barros, inclusive, negar aos trabalhadores o aumento, se mostrar ao povo, à Assembleia e aos trabalhadores que ele tem razão. Mas o que não pode S. Exa. é ficar encastelado e não permitir um diálogo com os trabalhadores. É esse o sentido do meu modesto aparte, nobre deputado Farabulini Júnior.

**O Sr. Cid Franco** — Nobre deputado Farabulini Júnior, V. Exa. me permite levantar uma questão de ordem?

**O SR. FARABULINI JÚNIOR** — Pois não, Excelência.

**O Sr. Cid Franco** — Obrigado a V. Exa., Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** — Tem a palavra o nobre deputado Cid Franco.

**O SR. CID FRANCO** (Para reclamação) — Sr. Presidente, nobre deputado e prezado amigo Ciro Albuquerque, V. Exa., não por sua culpa, é evidente, prestou a esta Assembleia, no dia de hoje, informação falsa. Isso me parece de suma gravidade. Recordo-se o nobre deputado Presidente da Assembleia e todos os Srs. deputados do primeiro discurso que pronunciei, pela ordem, afirmando que o secretário do Sindicato dos Metalúrgicos havia sido sequestrado por dois homens armados de revólver que o forçaram a entrar num automóvel. Não se tem, de então até agora, notícia do seu paradeiro. Foi preso, sequestrado. Pouco depois, o nobre deputado Paulo Nakandakare comunicou a esta Assembleia que o próprio presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, Sr. Delélis, estava com a sua residência cercada pela Polícia, preso em seu domicílio. V. Exa. comunicou-se com o Poder Executivo e trouxe a esta Assembleia a informação de que nada havia e que o Sr. Secretário da Segurança Pública tudo ignorava. Não havia absolutamente nada. E, Sr. Presidente, havia, se me permite a expressão, absolutamente tudo. Havia tudo. A casa do presidente Delélis estava cercada por agentes do DOPS desde a madrugada. Pior do que isso, tentaram invadir-lhe o domicílio.

Quando este deputado chegou àquela residência, assim como o nobre deputado Paulo Nakandakare e o nobre deputado Olavo Horneaux de Moura, quando lá chegamos, estava chegando também o oficial da Justiça Militar com um mandado de prisão contra Delélis. Mas, José de Araújo Plácido, o secretário do Sindicato dos Metalúrgicos, já havia sido preso ilegalmente. E Delélis estava preso ilegalmente em sua própria casa, que a polícia tentou invadir. A polícia civil, não polícia militar.

Ora, Sr. Presidente, com a responsabilidade do seu nome, da sua cultura, da